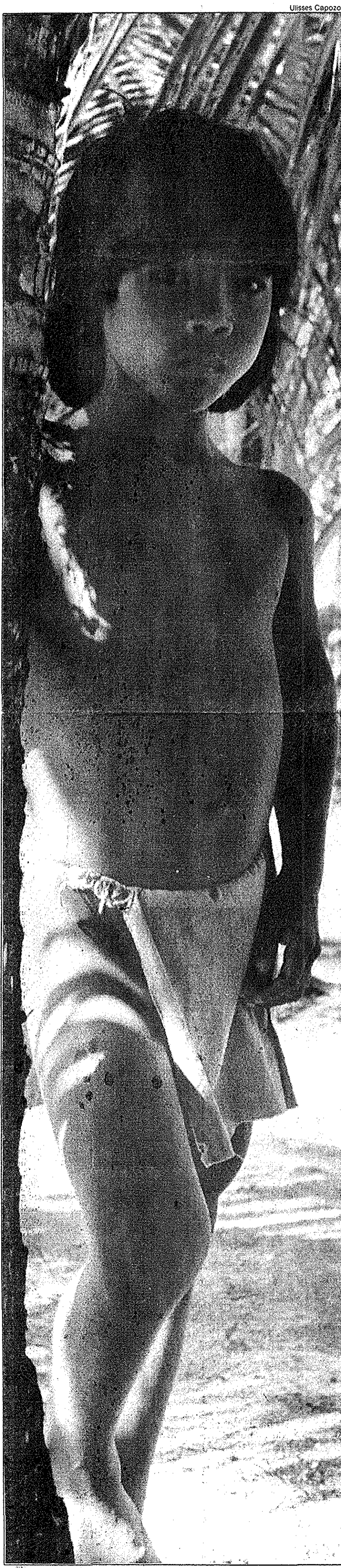


Índios reafirmam discursos de cem anos



Ulisses Capozzi

Cacique condena ganância e diz que terra basta para seu povo sobreviver

ULISSES CAPOZZI

MACAPÁ — O cacique oiampí, Wai Wai, nunca ouviu falar de Nuvem Vermelha, dos sioux oglalas; de Chaleira Preta, dos chéyennes do sul; do sábio e generoso Touro Sentado; e de Pé Grande, que resistiu até a batalha final de Wounded Knee, no inverno de 1890. Seu discurso, no entanto, é o mesmo que seus parentes do Norte fizeram há um século aos ouvidos surdos dos brancos que avançavam sobre seus territórios, movidos pela cobiça de terras e ouro.

A mais recente ameaça aos índios brasileiros na Amazônia aconteceu no início do mês passado, quando um grupo de garimpeiros invadiu o Parque Indígena do Tumucumaque, uma área de 2,6 milhões de hectares, no Pará, onde vivem 1.600 índios apalaís, tiriós e vaianas, divididos em 36 aldeias espalhadas ao longo dos rios. Os afáveis oiampis, como seus parentes do Tumucumaque, estão preocupados com a possibilidade de a matança que se abateu sobre os

ianomânis voltar a se repetir. Pedem segurança à Funai, mas deixam claro a disposição de reagir, se a agência oficial se mostrar impotente no controle dos garimpeiros.

O superintendente da Funai em Macapá, o antropólogo Antonio Pereira Neto, enfrenta a burocracia típica dos órgãos oficiais e a vastidão de um território de 4,7 milhões de hectares para controlar. Ele tem a ajuda de 32 funcionários, uns poucos barcos e nenhum avião. Três semanas após a invasão do Tumucumaque, esperava notícias por meio de Moisés Mena da Silva, um índio apalaí que trabalha para a Funai.

Invasão garimpeira — Moisés deveria detalhar o número de garimpeiros que invadiu o parque nas proximidades do Rio Paru de Este, no Pará, ao norte da BR-210 que corta a reserva no sentido leste-oeste. Ele pediu munição "para não enfrentar os invasores de peito aberto" e o superintendente a enviou no dia 16 de outubro.

Os invasores, três homens que deveriam atrair outros em caso de confirmação de ouro na região, segundo o antropólogo, acabaram presos pelos próprios tiriós em fins de outubro e, na terça-feira passada, chegaram a Macapá escoltados por agen-

tes da Polícia Federal.

O cacique Wai Wai é convidado do cacique Kumai na aldeia Aramirã para um churrasco com um grupo de jornalistas do Sul que acompanha o superintendente da Funai. Juntos estão também membros do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), uma organização não-governamental (ONG) que desde 1986 trabalha na Amazônia com financiamentos de entidades nacionais e internacionais.

Mary Alegretti, antropóloga e fundadora do IEA, acredita que o caminho que leva ao futuro na Amazônia é o do desenvolvimento auto-sustentado. Os povos da floresta, seringueiros, extratores de castanha, pequenos agricultores e mesmo os índios como os oiampis podem manter seu estilo de vida e assegurar a manutenção ambiental da região, se a sociedade brasileira se der conta do que tem a ganhar com isso.

Não muito longe da aldeia Aramirã, na reserva extrativista de Maracá, seringueiros, pescadores, coletores de castanha e de açaí estão organizando-se para manter suas terras li-

vres de garimpeiros e produtivas em alimentos tradicionais. Para isso têm um financiamento alemão do Instituto Konrad Adenauer, ligado à Igreja católica e à democracia cristã. A comunidade inaugurou sua sede comunitária em fins de setembro pas-

sado e, aos poucos, faz progressos. A idéia é que as pessoas possam continuar vivendo ali, em harmonia com o ambiente, como aconteceu há gerações, mas também tenham como beneficiar-se de certas vantagens tecnoló-

cas da sociedade moderna. A sociedade urbana e o resto do País têm muito a ganhar com essa experiência. Os povos da floresta podem oferecer-lhes frutas e outros alimentos de sabores exóticos, como açaí, mais nutritivo que o leite, para melhorar o padrão de nutrição.

Há também um grande número de plantas medicinais. Isso em termos imediatos. No longo prazo, está a preservação da identidade cultural da região e, por extensão, de toda a Nação. Com raízes históricas frágeis, um país não pode pensar em construir um futuro sólido.

ÍNDIOS TEMEM QUE MATANÇA SE REPITA

Ulisses Capozzi



Oiampis estão aumentando, após encontros com garimpeiros que causaram muitas mortes: jovens se casam cedo e logo têm filhos

Cidade vira fantasma sem minério

Esgotamento do manganês não deixa opção econômica para Serra do Navio

Amineração, ou em alguns casos a ausência dela, é um problema que afeta não só os índios como os não-índios, no coração do Amapá, o município de Serra do Navio.

Na região, que já foi a mais rica reserva de manganês do País, a Indústria e Comércio de Minérios (Icomi) explora as minas com exclusividade, desde 1950. A concessão de exploração, dada por Getúlio Vargas, expira em 2003 e, como ou-

tras cidades mineiras, ela corre o risco de se transformar em povoado fantasma.

Fernando Santos, diretor do Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá, ligado à Icomi, diz que o manganês já está no fim e a empresa está apenas estendendo seu trabalho para chegar até 2003. Serra do Navio é o mais novo dos 15 municípios do Amapá, que se transformou em Estado há apenas três anos.

A exploração do manganês, numa área de 4,8 mil hectares no meio da floresta, criou uma cidade de aproximadamente 4 mil habitantes, ainda que os dados do IBGE registrem apenas a metade disso. O município foi criado em janeiro deste ano e a

primeira eleição, realizada dois meses depois. O candidato eleito, para surpresa de seus próprios companheiros, foi o sindicalista e ex-empregado da Icomi, José Maria Amaral Lobato, do PT, numa coligação com o PDT, PSB e PSDB. A Icomi apoiou um candidato do PTB.

Durante quase meio século, Serra do Navio, sede da empresa que aos poucos foi tomando forma de cidade, permaneceu fechada. O Rio Amapari (o inipiku sagrado dos oiampis) durante todo esse tempo separou-a do exterior como os fossos d'água que isolavam antigos castelos medievais. Para entrar e sair da cidade era necessário uma autorização especial e a única forma de cruzar o Amapari era pela balsa que ainda é operada pela Icomi. O isolamento será superado por uma ponte que o governo constrói.

À primeira vista, um prefeito não

teria com que se preocupar em uma cidade como Serra do Navio. Lá tudo parece funcionar bem. O número de analfabetos não passa de 5%, os desempregados são poucos e a malária, um dos sérios problemas de saúde na Amazônia, foi erradicada. A ameaça está no futuro. Depois de 2003, quando a concessão terminar, como a cidade sobreviverá?, inquietava-se o prefeito.

Lobato diz que durante todo esse período, a Icomi não se preocupou seriamente com o fim do manganês, e a sorte da cidade de onde retirou seus lucros. O diretor Fernando Santos diz que está tentando atrair investimentos. Enquanto espera o tempo passar, até chegar 2003, a empresa cobre parte das escavações de onde retirou o manganês. Caminhões gigantes ainda transportam minério escuro para ser escoado pela estrada de ferro. (U.C.)

PRAZO DE MINERAÇÃO TERMINA EM 2003

Isolado, Amapá é uma memória do País

Violência urbana manifestou-se recentemente, com pequenos roubos

Com uma área de 140.276 quilômetros quadrados, equivalente a uma vez e meia o território de Portugal, o Amapá tem uma população de 290 mil habitantes, quase 60% vivendo em Macapá, a capital.

Separado do restante do País pela inexistência de estradas, o Amapá é a memória de um Brasil de pelo menos 30 anos. Mesmo em Macapá, a capital, as pessoas são cordiais no trato, sem pressa e a violência só apareceu muito recentemente, sob a forma de pequenos roubos.

Os professores primários, ainda pagos pela União, ganhavam, em setembro, invejáveis CR\$ 50 mil mensais. A classe política é incipiente e dos três senadores amapaenses, entre eles o ex-presidente José Sarney, todos são de outros Estados da Federação. Mesmo assim, o governador Aníbal Barcellos enfrenta uma CPI na Assembléia, que pode levar ao seu impedimento.

Como acontece em Serra do Navio, também em Macapá há preocupação com o futuro. João Alberto Capiberibe, ex-prefeito da cidade, preso político e refugiado nos anos 1970, é candidato ao governo nas próximas eleições. Seus simpatizantes avaliam que as chances de vitória são boas e o próprio Capiberibe está otimista.

O que preocupa o candidato do PSB é como tornar viável o futuro do Amapá. O Estado só se preservou da devastação que atingiu outras regiões pelo

seu próprio isolamento. As matas, particularmente as de várzea, onde é mais fácil a retirada de madeira, foram pouco tocadas.

Capiberibe ou Capi, como é conhecido dos correligionários, acha que pode implantar no Estado uma sólida agroindústria. As reservas extrativistas, como as de Maracá, podem ser, de alguma forma, a base dos projetos futuros do possível governador. (U.C.)

OPÇÃO PODE SER INDÚSTRIA AGRÍCOLA

O cãrumim Suruí é um dos poucos da aldeia que falam português